

“MAIS DO QUE BOTAR UM FILME PRA RODAR”: UM OLHAR ETNOGRÁFICO SOBRE UMA NOITE DE CINECLUBE EM CAXIAS

“MORE THAN SHOWING A MOVIE”: AN ETHNOGRAPHIC LOOK AT A FILM CLUB NIGHT IN CAXIAS

Renata da Silva Melo

 <https://orcid.org/0000-0001-5698-1379>

Correspondência: renata.demelod@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

DOI: 10.12957/cdf.2025.94660

Recebido em: 13 out. 2025 | **Aceito em:** 25 nov. 2025

RESUMO

Este artigo apresenta um relato etnográfico de uma sessão de cineclube em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. A região, descrita como periférica em diversas representações, possui uma intensa cena cineclubista desde a primeira década dos anos 2000, impulsionada por um conjunto de mudanças nos rumos políticos e sociais do Brasil. Desde então, seus produtores audiovisuais vêm possibilitando a circulação de uma grande variedade de obras audiovisuais que geralmente estão fora do circuito comercial de cinema e discutem temas como gênero, raça e cidade. O objetivo é refletir sobre as formas de exibição dessa cena, pensando como ela articula diferentes linguagens e intervenções artísticas (teatro, poesia, música, entre outras). Busca-se analisar como integrantes desse movimento refletem sobre outras cenas culturais e territorialidades, transformando-as em matéria-prima para suas produções e exibições em cineclubes. O trabalho procura evidenciar os vínculos que o audiovisual pode promover, ao convidar o público a elaborações coletivas que se manifestam em formas celebratórias de fazer e assistir conteúdos audiovisuais. Argumenta-se que para compreensão desse processo é preciso deixar-se afetar pelo que é descrito como “mágico” nos cineclubes, dedicando atenção não apenas aos filmes, mas principalmente às relações construídas a partir deles.

Palavras-chave: Cinema; cineclubismo; audiovisual; periferia.

ABSTRACT

This article presents an ethnographic account of a film club session in Duque de Caxias, in the Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. The region, described as peripheral in various representations, has had an intense film club scene since the first decade of the 2000s, driven by a series of changes in the political and social direction of Brazil. Since then, yours audiovisual producers have made it possible to circulate a wide variety of audiovisual works that are generally outside the commercial movie circuit and discuss themes such as gender, race and the city. The aim is to reflect on the ways in which this



Keywords: Cinema; film clubs; audiovisual; periphery.

Na virada do século XXI, o Rio de Janeiro foi um importante palco da cena de exibição de cinema e audiovisual chamados “independentes”. Dezenas de espaços alternativos se multiplicaram, tais como cineclubes, mostras e festivais, impulsionando uma “expansão do audiovisual para as periferias”, em um contexto de barateamento dos equipamentos digitais (Carvalho, 2022, p. 112.).

A distribuição das salas de exibição na Região Metropolitana do Rio de Janeiro não acompanhou esse processo de popularização, no entanto. Dados do Mapa da Desigualdade (2020), da Casa Fluminense, revelaram que metade dos municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro não possuem salas de cinema, enquanto os bairros cariocas concentram 216 salas:

8.C. SALAS DE CINEMA
Quantidade de salas de cinema

Na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, Zona Sul do Rio, Grande Tijuca, Barra e Jacarepaguá tem 16,31% da população, mas abrigam 143 das 297 salas de cinema (48,14%). Metade dos municípios não têm salas de exibição.

Dados

Brasil: 3.347
RJ: 373
RM/RJ: 297

Fonte: ANCINE.2020

Pág. 42

Fonte: Ancine, 2020.

Se olharmos com atenção para esse mapa, vemos que os 13 municípios da Baixada Fluminense estão entre os mais afetados pela distribuição desigual das salas de exibição, são eles: Japeri, Queimados, Mesquita, Belford Roxo, Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Nilópolis, São João de Meriti, Magé, Itaguaí, Seropédica, Paracambi e Guapimirim. Segundo o Anuário Estatístico do audiovisual (Ancine, 2023.), Belford Roxo é a maior cidade do Brasil sem sala de cinema.

Essa realidade contrasta com uma cena de produção e difusão audiovisual bastante ativa na Baixada Fluminense. Desde os anos 1980, experiências como a TV Maxambomba e TV Olho incentivavam moradores a produzirem vídeos sobre suas histórias e a exibi-los em praças públicas. Esse histórico fez da Baixada um terreno fértil para o surgimento de diversos coletivos audiovisuais no despontar do século XXI, impulsionados por um conjunto de mudanças nos rumos políticos e sociais do Brasil, tais como a expansão do acesso ao ensino superior e um aumento do investimento por parte do Estado em políticas públicas na área da cultura, especialmente na primeira década dos anos 2000.

O crescimento do poder de consumo de populações mais pobres nesse período, devido à relativa estabilização econômica do país naquele momento, facilitou a aquisição de produtos e dispositivos eletrônicos e de comunicação, popularizando seu acesso. Essa abertura de campos de possibilidades (Velho, 2003.) para pessoas vindas de estratos sociais mais baixos contribuiu para a ampliação de públicos e de artistas envolvidos com a produção cultural em regiões precarizadas.

Essas mudanças seguem reverberando na Baixada Fluminense, onde diversos coletivos audiovisuais surgidos nos anos 2000 continuam em atividade, hoje organizados em torno de um movimento comum: o Baixada Filma, que reúne “mais de 150 cineastas e 45 coletivos/produtoras da região” (Baixada Filma, 2023.)¹. Na minha pesquisa de doutorado, me detive na experiência dos cineclubes que fazem parte dessa rede, considerando a existência de 10 deles, como informado no site *Tela BXD*, do Baixada Filma.

Movidos pela insatisfação com o que é oferecido pela rede comercial, esses cineclubes propõem novas formas de exibição e apreciação do cinema a partir da

¹Nascido em 2018, o Baixada Filma é um movimento que organiza mobilizações para reivindicação de políticas públicas na área da cultura e do audiovisual. Trata-se também de uma rede que articula contatos e troca de informações entre seus integrantes, como oportunidades profissionais, divulgação de editais e atividades conjuntas.

realização de eventos que mesclam diferentes linguagens e intervenções artísticas (teatro, poesia, música, entre outras). Possibilitam, assim, a circulação de obras que, sem a mediação cineclubista, ficariam restritas a um circuito de mostras e festivais específicos (Butruce, 2003). Neste artigo, busco apresentar a efervescência cultural da cena audiovisual da Baixada a partir do relato etnográfico de uma sessão do Mate com Angu, cineclube nascido em 2002, em Duque de Caxias.

2 NO RASTRO DE UM INSTANTE

Em algum dia do ano 2000, Igor disse para HB: “cara, eu vou fazer um filme sobre o Jardim Primavera”. Imaginar o amigo fazendo um filme sobre um bairro de Caxias, o mesmo onde viveram a adolescência, deixou HB chapado. Essa descrição e a frase do amigo estão nas primeiras páginas de *O Cerol fininho da Baixada: histórias do cineclube Mate com Angu* (HB, 2013). O cineclube anunciado no título do livro foi fundado oficialmente dois anos depois por Igor e HB. Antes, no entanto, já começavam a se estabelecer as características de exibição das sessões do Mate com Angu².

Batizado de *Progresso Primavera*, o primeiro filme de Igor ficou pronto em 2001, feito sem financiamento, com a ajuda de amigos e familiares. Havia uma promessa de apoio da Prefeitura de Caxias, que nunca foi concretizada. Com 32 minutos de duração, o documentário discute a ideia de progresso a partir de entrevistas com moradores sobre dois temas: meio ambiente e cultura. Nas palavras de HB, “surge através da câmera um bairro muito peculiar, bucólico e artístico que tanto amávamos. Como um caleidoscópio” (HB, 2013, p. 32).

A estreia aconteceu no sobrado de um amigo, em telões alugados com ajuda de conhecidos. HB trabalhou com afinco na divulgação do filme no *Baixada On*, site idealizado por ele. Foi reservado um dia inteiro de atrações, com exposições, performances, comidas e shows, dando o tom multicultural das sessões de cineclube na

²O nome do cineclube é uma homenagem à Armanda Álvaro Alberto. Presa diversas vezes como agitadora pelo governo de Getúlio Vargas, ela foi uma professora que lutou em defesa da educação pública, conhecida por disseminar o método educacional montessoriano. Um de seus principais locais de atuação foi a Escola Regional de Meriti, atualmente Escola Municipal Dr. Álvaro Alberto, onde trabalhou desde a sua fundação, em 1921, quando a instituição se chamava Escola Proletária de Meriti. Graças à Armanda, a escola foi a primeira da América Latina a ter horário integral e a servir merenda. No cardápio predominava o mate e o angu, que eram as principais doações dos comerciantes locais. A combinação rendeu um apelido: a escola ficou conhecida popularmente como Mate com Angu, o que inicialmente tinha uma conotação negativa, mas depois foi incorporado como expressão de orgulho por muitos que estudaram lá.

Baixada, que não se limitam à exibição de filmes, embora esse seja seu ponto auge, como percebeu HB naquela estreia:

Na hora da exibição, houve aquele instante mágico que tanto nos faz sentir vivos, que nos faz entender que uma exibição é mais, muito mais do que simplesmente ligar equipamentos e botar um filme pra rodar. Lembro que na hora que o velho Collares surge na tela falando do também pintor Rodolfo Arltdt, que morava no bairro, uma salva de palmas espontânea e calorosa fez o coração de geral rebentar em lágrimas de confusa alegria. Aconteceu algo ali. Algo que nos fez entender que era isso que nossos corações e mentes clamavam, nossos e de várias pessoas que estavam pela Baixada sentindo a mesma vibração. Era preciso uma ação nossa, na nossa área e do nosso jeito. Aquele dia foi um pré- Mate (HB, 2013, p. 32).

Essa exibição, precursora do que viria a se desenrolar nas duas últimas décadas na cena audiovisual da Baixada, é lembrada por ter provocado um sentimento compartilhado de emoção, revelador do sentido de realização daquele evento. “Uma exibição é mais, muito mais do que simplesmente ligar equipamentos e botar um filme pra rodar,” diz HB. O que levou a essa constatação foi o reconhecimento de um *instante mágico*, algo que aconteceu ali, uma *vibração* experimentada por pessoas que ansiavam por “uma ação nossa, na nossa área e do nosso jeito”. Persegui esse instante nas minhas observações, o “algo a mais” de que fala HB. O que veremos a seguir é o relato etnográfico de uma sessão reveladora de que, 18 anos depois do lançamento de *Progresso Primavera*, a magia da vibração coletiva segue produzindo confusas alegrias.

3 “UMA NOITE PARA RENOVAR A ALMA”

Era uma quarta-feira, 11 de dezembro de 2019. Eu e mais de 400 pessoas tínhamos manifestado interesse no evento de *Facebook* do Mate com Angu que trazia a programação daquela noite no Gomeia Galpão Criativo, no centro de Duque de Caxias. Eu já tinha ido em outras atividades por ali, conhecia os organizadores da sessão e parte do público.

Cheguei por volta de 19h, um pouco antes do horário marcado para início da sessão. O espaço se preparava para receber o público. O clima era de festa. Uma *playlist* reproduzia canções de artistas brasileiros, Caetano Veloso, Metá Metá, Gal Costa.

ARTIGO | Mais do Que Botar um Filme pra Rodar: Um Olhar Etnográfico Sobre uma Noite de Cineclube em Caxias

Pessoas circulavam entre a parte interna e externa, algumas na organização, montando equipamentos, levando e trazendo coisas, recebendo quem chegava, outras tomando cerveja e conversando enquanto aguardavam.

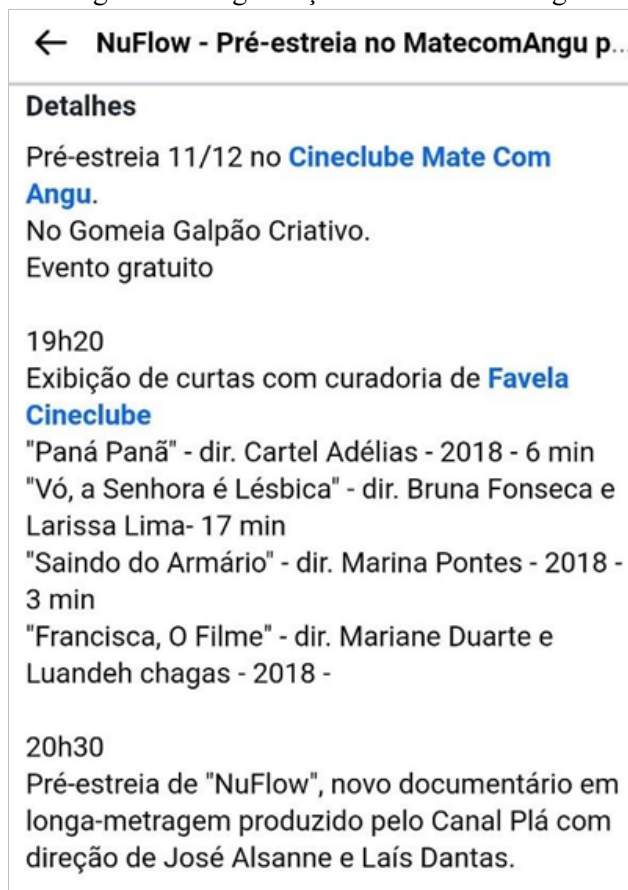
O público foi chegando: jovens, em sua maioria, com cabelos coloridos, *dreads*, *black power*, bonés. Vestiam jeans, camisetas com arco-íris, símbolos dos coletivos dos quais faziam parte ou frases emblemáticas estampadas: “a periferia grita”. Em contraste com a movimentação pré-exibição, chamou a minha atenção um grupo destacado dos demais, pessoas esperando calmamente, sentadas nas cadeiras de plástico posicionadas em frente ao telão, olhando seus celulares ou crianças ao redor. Mais tarde, entendi que essa era a família da diretora de um dos filmes. Quando todos se sentaram, pude calcular a presença de pouco mais de 50 pessoas naquele espaço. Mas não era ainda hora da exibição. Um *ataque poético* se aproximava.

Valentine circulava pelo espaço de forma vigorosa, todos os olhos se voltaram para ela. Declamando uma poesia autoral, ela encarava o público, que parecia preso ao encadeamento de suas palavras ritmadas e gesticuladas com precisão, ditas com ímpeto e rapidez. Poeta negra e trans de Duque de Caxias, Valentine fazia parte do *Slam* das Minas RJ, movimento conhecido por apresentações poéticas que envolvem performances teatrais.

Imersa na apresentação, escapei os olhos para o caderno de notas por uns instantes para registrar as seguintes frases: “Eles vêm nos pesquisar, ataque poético! Valentine aqui pros pesquisadores que vêm sugar o nosso sangue, mas nunca vão entender o que tá escrito em nossa pele.” Seguiram-se palmas e reações eufóricas. A fala de Valentine não parecia ter ninguém como alvo específico. Aquele era um evento voltado para o público local e parceiros do cineclube. Não nos conhecíamos e não sei se ela sabia da minha pesquisa, mas tendo a achar que não. De modo mais amplo, a poesia tratava de sua experiência como mulher trans e periférica.

Na sequência, foram exibidos quatro curtas e um longa, como informado na programação divulgada pelo Mate com Angu e seus parceiros:

Figura 2 - Programação do Mate com Angu



Fonte: Gomeia Galpão Criativo, 2019.

Favela Cineclube foi convidado pelo Mate com Angu para curadoria dos curtas que abriram a sessão. Como descrito em sua página no Facebook, o grupo nasceu no Morro da Providência, no Rio de Janeiro, e desde 2016 vem exibindo filmes “que carregam valores do gueto e a ressignificação do povo preto e pobre das Favelas e periferias do mundo todo”. Fizeram jus a essa apresentação os filmes escolhidos. Paná panã trata de marcas do racismo e machismo a partir de depoimentos, representações da cidade e o candomblé como espaço de transformação. O segundo curta, Vó, a senhora é lésbica, debate homossexualidade em uma família negra. Sair do armário também debate gênero e relações familiares, mas sem imagens, detendo-se no áudio e na transcrição de uma difícil conversa entre mãe e filha. O último curta, Francisca, o filme, provoca reflexões sobre o lugar da mulher negra ao recontar a história de Chica da Silva, escravizada no Brasil do século 18.

Os curtas-metragens nacionais e independentes são desde o início da história do Mate uma “aposta assumida” (HB, 2013, p. 63), o que, dado o fato de o coletivo ser um precursor do cineclubismo na Baixada, influenciou a programação de outros grupos da

ARTIGO | Mais do Que Botar um Filme pra Rodar: Um Olhar Etnográfico Sobre uma Noite de Cineclube em Caxias

região. A atração principal daquela noite, no entanto, foi um filme de 65 minutos que deu nome e imagem aos cartazes de divulgação: *NuFlow*: batalhas de rima e slams RJ (ver figura 3).

Figura 3 – Cartaz do filme *NuFlow*: batalhas de rima e slams RJ no Facebook do Favela Cineclube



Fonte: Favela Cineclube, 2019.

O evento foi anunciado como uma pré-estreia, o que, em geral, é uma precaução para que o filme possa vir a concorrer a prêmios voltados para obras inéditas. Mas *NuFlow* contrariou essa que é quase uma regra, sendo disponibilizado integralmente no YouTube alguns dias depois do evento, em 20 de dezembro de 2019. Essa data consta como dia de sua estreia oficial, na descrição do filme, que até a conclusão deste artigo tinha mais de três mil visualizações. A internet foi um dos principais meios de divulgação do documentário.

Um longa é uma produção muito celebrada pelos coletivos. Esse tipo de realização demanda mais tempo e investimento em comparação com o curta-metragem, que é o formato mais utilizado nas produções autorais da Baixada. Em sua abertura, *NuFlow* informa que teve patrocínio da Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro, tendo sido selecionado por um edital do Programa Territórios Culturais- Favela Criativa.

Quem assina a direção do filme são dois jovens da Baixada: José Alsanne e Laís Dantas. Ambos fazem parte do Canal Plá, uma produtora idealizada por Alsanne em 2015, que “[...] nasceu com o desejo de produzir memória audiovisual sobre os coletivos, iniciativas, pessoas e instituições que promovem ações socioculturais nas áreas de periferia da Região Metropolitana do Rio de Janeiro”, como informado em seu canal do YouTube. O filme foi anunciado e muito festejado como o primeiro longa da produtora. A escolha por lançá-lo no Mate com Angu é reflexo de uma relação próxima com o cineclube. Laís contou sobre esse vínculo em uma entrevista para o Fórum Grita Baixada, em 2023:

[...] tenho 28 anos, sou cria da Baixada Fluminense. Minha trajetória de audiovisual vem muito do meu início da faculdade. Eu estudei na Unigranrio, fiz publicidade e propaganda lá. E nessa onda de desbravar a Baixada fui levada pra conhecer o Cineclube Mate com Angu, em Duque de Caxias, através do meu professor, Arthur William; sou muito grata a ele. Na época eu trabalhava na TV da faculdade. Primeiro como voluntária, depois virei estagiária. E ao conhecer o Mate, conheci o Heraldo HB e a galera toda. E fiquei encantada com o que acontecia. Então, eu falava pra minha mãe que ficava até tarde pra fazer um trabalho da faculdade, mas eu ia pro Mate para aprender mais. E aí eu mergulhei no conceito de cinema de guerrilha, dessa coisa de “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”. Eu comecei a ver possibilidades ali no meu território, que eu achava até então que não era possível. Sou muito grata ao Mate e ao meu território... por me mostrar possibilidades de criar e de desbravar o audiovisual (Dantas, 2023).

Laís descreve a si mesma como *cria* da Baixada Fluminense. Essa compreensão não se dá apenas pelo fato de ela ter nascido lá. Conforme avançamos em seu depoimento, vemos que houve uma construção da relação dela com o *seu* território, onde ela *começou a ver possibilidades* à medida que passou a frequentar espaços como o Mate com Angu, do qual também foi aluna. A partir de suas oficinas e sessões, o cineclube se tornou um lugar de formação contínua para Laís, onde pôde *aprender mais*, para além da universidade. Ela nomeia esse processo como *um desbravar* estimulado pelo conceito de cinema de guerrilha, definido pela famosa frase do cineasta Glauber Rocha: “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”. Esse desbravamento se expande para espaços fora da Baixada, como revela o filme dirigido por ela e exibido naquela noite.

Em *NuFlow* somos guiados pela atriz Adrielle Vieira, que percorre lugares da Baixada, Niterói, Complexo do Alemão, Zona Norte e Zona Sul do Rio de Janeiro para

apresentar *slams* de poesia e rodas de rima dessas regiões. *Slam* é uma expressão originária dos Estados Unidos para denominar a reunião e performance de poetas no formato de microfone aberto. O ataque poético de Valentine antes da exibição foi uma mostra de como funciona esse tipo de manifestação.

O filme evidencia que o *slam* e as rodas de rima têm em comum a oralidade, as apresentações performáticas e a interação com a plateia. Ambos envolvem competições em que o público escolhe os vencedores. Cada um tem suas especificidades, mas não é nosso objetivo explorá-las aqui. O que nos interessa é pensar como integrantes da cena audiovisual da Baixada refletem sobre cenas culturais e territorialidades, transformando-as em tema para suas produções e exibições em cineclubes.

Em *NuFlow* estamos diante de fenômenos fundamentalmente urbanos, o que se evidencia na paisagem capturada pelo filme e suas cenas de movimentação nas ruas pelas quais a protagonista caminha de um ponto a outro, entre passarelas, trens, muros pichados, praças coloridas, onde se vê intensa circulação de pessoas. A estética é marcada por cores fortes presentes na cenografia e na indumentária, principalmente amarelo, laranja e azul.

O enquadramento das imagens e a edição do filme enfatiza a “vida nervosa” (Simmel, 2005) das grandes cidades a partir de simultaneidades, cenas sobrepostas, falas e movimentos repetidos, acelerados, como um curto-circuito. É como se a cidade e os movimentos culturais apresentados se fundissem, interpenetrando-se. A trilha sonora contribui para essa ambientação, trazendo principalmente o hip hop, com músicas da protagonista Adrielle e do rapper Marcão Baixada, cujo nome já é em si revelador da relação com o território descrita e valorizada pela diretora do filme. Um dos primeiros raps tocados no longa é uma releitura de um famoso funk: “Baixada cruel, os sinistros são de Bel” (em referência a Belford Roxo). A trilha é composta também por cantigas de candomblé de domínio público, evidenciando a valorização de tradições relacionadas à cultura negra.

Para gravação do filme, Adrielle circulou pelos seguintes eventos: Rap Free Jazz (Parque Fluminense, Caxias), Roda Cultural Conexão Favela & Arte (Niterói), Roda de Santo Elias (Mesquita), Roda QDN Austin (Nova Iguaçu), *Slam* Laje (Complexo do Alemão), *Slam Marginow* (Madureira) e *Slam* das Minas (Largo do Machado). As filmagens se deram, portanto, principalmente na Baixada, mas também nas Zonas Sul e Norte do Rio e em favelas de Niterói e do Complexo do Alemão. A costura entre essas regiões apresentada na tela revela o olhar de um circuito sobre outro: o audiovisual olhando para o rap e a poesia.

Para descrever a diversidade dos lugares registrados pelo filme, recorre-se geralmente a expressões como metrópole, Região Metropolitana ou Grande Rio. Mas há também descrições como estas do Canal Plá: “Nosso novo longa documentário se passa em rodas de rima e *slams*. A atriz Adrielle Vieira será a sua companhia nessa jornada pelos subúrbios do Rio, Niterói e Baixada Fluminense”(Canal Plá, 2019). Nesse caso, em que a ênfase está nos subúrbios, é omitida a zona sul, que no Rio de Janeiro é uma região associada a um estilo de vida praiano e a símbolos como cosmopolitismo, modernidade e sofisticação (O'Donnell, 2013), contrastando com imaginários e estigmas comumente relacionados às ideias de subúrbio e periferia (Guimarães; Davies, 2018).

Essa movimentação é reveladora de circuitos (Magnani, 2014). Caracterizados pela circulação e sem depender da contiguidade entre espaços geográficos, eles conectam pessoas com interesses comuns e, ao fazer isso, revelam complexidades dos lugares e a necessidade de encará-los de forma relacional. Como o filme traz um evento ocorrido na Zona Sul, essa questão fica ainda mais complexa. A região é frequentemente descrita por meus interlocutores de pesquisa como lugar das elites e dos privilegiados. Em *NuFlow*, no entanto, ela surge como a praça onde meninas negras se reúnem para declamar poesia, o que foi comentado por uma das entrevistadas para o filme, a MC Dall Farra, que disse: “a galera se apropriou legal ali do Largo do Machado. Vieram pessoas de todos os lugares. Então não era só a galera da Zona Sul, era a galera de todos os lugares, então eu me senti em casa”.

Em outra cena do filme, a região também é citada, mas dessa vez forma crítica, num rap sobre racismo: “É a sangue frio/Você até conhece a realidade lá da Unirio, que é Zona Sul, que eu não me acanho/ Pretinho lá do black nego olha e passa estranho [...] Nem me conhece aqui direito/ Já viu, olhou, preto? Suspeito”. Aqui temos o contraste entre fontes de saber. De um lado, a Unirio, uma universidade pública na Zona Sul do Rio, de outro, a experiência de ser negro na cidade.

O nome do documentário é uma referência ao flow, que vem do inglês, fluir, e diz respeito à forma como o rapper encaixa suas rimas na parte instrumental que dá base para o improviso, o beat. Estar no flow é estar encaixado, fluindo com o ritmo e o seu entorno. Embalada por esse movimento, Adrielle, que também é rapper, participa das rodas que visita não só como observadora e narradora, mas também apresentando seus versos. A partir de conversas com artistas de cada lugar, ela reflete sobre racismo e gênero. No começo do filme, ela conta como esse processo foi importante para ela:

ARTIGO | Mais do Que Botar um Filme pra Rodar: Um Olhar Etnográfico Sobre uma Noite de Cineclube em Caxias

[Adrielle Vieira]: Então, ter gravado de outubro de 2017 até fevereiro/março de 2018, muita coisa mudou de lá pra cá. Porque, pra mim, quando a gente começou a gravar em outubro, tinha muita coisa guardada, mas muita coisa... como eu posso falar? Não mágoa, mas uma necessidade de falar. Mas como eu não tinha muito esse espaço, ficava tudo guardado e isso acabou me fazendo mal. E por conta do racismo também ser um lance que afeta o psicológico, o nosso corpo também, então a gente guardar tudo isso, a gente ter pouco espaço de fala... Eu poder colocar isso pra fora foi muito bom, e poemas de dor, que eu tinha muitos poemas de dor há um ano atrás, então eu acabei falando muitos poemas de dor, mas isso serviu pra um alívio também pra mim mesma (Nuflow [...], 2019, 4 min 40 s).

Adrielle é uma mulher negra, como é possível deduzir do seu depoimento. Ela é também da Baixada, de Austin, Nova Iguaçu. O tempo de realização do filme marca um arco de transformação pessoal dela, que começou as gravações com muitos *poemas de dor* guardados e encontrou alívio ao poder expressá-los nas rodas de rima que frequentou. O envolvimento com um projeto audiovisual representou uma mudança na trajetória de Adrielle, provocando elaborações subjetivas. É a partir dessa experiência que ela percebe e descreve a passagem do tempo. Foram cerca de seis meses de gravação e mais de um ano e meio para finalização do documentário. As últimas edições do filme foram feitas pouco antes da pré-estreia. Enquanto era preparada a projeção e alguém trazia o arquivo do documentário, HB dizia ao microfone, como se narrasse um parto: “Aqui é com emoção! Filme chegando literalmente agora, filme sendo trazido nas mãos, literalmente”.

Anunciada como “uma noite para renovar a alma” (Cineclube Mate com Angu, 2019), a sessão foi embalada por emoções e expectativas desde sua divulgação. Na tarde daquele dia, quem entrasse nas redes sociais do cineclube leria: “Hoje vamos ter cinema produzido na Baixada estreando no Cineclube Mate Com Angu. Nada nos deixa mais feliz” (Cineclube Mate com Angu, 2019). No dia seguinte, foi publicado um pequeno vídeo dos diretores, cineclubistas e parte do público comemorando o lançamento, batendo palmas, brindando e sorrindo. A legenda dizia:

A estreia de "NuFlow" ontem no Mate deu uma energia avassaladora. Casa cheia, lágrimas e a metrópole do Rio lindamente na tela. Sintam um pouquinho da energia captada nesse retrato em movimento, já no finalzinho de tudo. Zeramos. Renovamos as energias. Viva o cinema brasileiro (Cineclube Mate com Angu, 2019).

De fato, foi uma sessão emocionante. Nas exhibições, eu costumava olhar ao meu redor no apagar das luzes, entendendo que aquela etnografia não era sobre filmes apenas, mas sobre as relações provocadas por eles. Nesse momento se captam olhos atentos ou dispersos, pequenos gestos, um abraço, um encostar de mãos, um comentário com quem está do lado, semblantes comovidos ou confusos.

Naquela noite, a plateia parecia tomada pela eletricidade das rimas, ruas e cores das cenas, o público mergulhado na tela, num diálogo interno inescrutável, mas que de algum modo transbordava. Assim como nas rodas de rap, a partilha e as trocas proporcionadas por um lugar comum são o que dão sentido à existência do cineclube. Isso ficou evidente quando, ao final da exibição do filme, seus realizadores se levantaram, dirigindo-se ao público.

Adrielle e os diretores agradeceram calorosamente à plateia, que, em resposta, aplaudia. Foi quando entendi que os familiares das realizadoras eram aquelas pessoas que desde cedo estavam sentadas aguardando a sessão. Laís agradeceu o apoio da namorada, da família, dos amigos e do cineclube. Descreveu HB e Igor como *padrinhos*. Por fim, contou uma história:

Minha mãe não entendia por que eu ficava direto no computador. Um dia filmei ela e coloquei na internet. No dia seguinte, minha mãe me acordou com um “bom dia, minha cineasta” (gargalhadas dela e do público). É isso, cara. A gente precisa se ver na tela, a gente precisa se ver (informação verbal, presenciada durante sessão do Mate com Angu, 2019).

A cena se inverteu e dessa vez era a mãe quem filmava enquanto a filha falava. A gravação foi interrompida para um abraço. A parábola de Laís sintetizou a emoção provocada pelo filme entre os presentes: ver artistas da Baixada na tela era uma forma de ver a si mesmo. HB chorava, dizendo para a pessoa do seu lado: “minha aluna, cara, minha aluna”. Ao redor de mim, lágrimas corriam. Tive certeza, então, que aquele era o tal instante mágico e que apenas a observação não seria suficiente para alcançá-lo. Era preciso me deixar afetar (Favret-Saada, 2005), não só naquele momento, mas também depois, quando as cadeiras foram afastadas para os cantos e o espaço se tornou uma pista de dança, embalando o que desde o início era uma festa.

4 PARA QUE OS DEUSES DO CINEMA POSSAM BAIXAR

Outros elementos compõem o clima de celebração de uma sessão de cineclube. A comida, por exemplo, é coisa importante. Em eventos especiais, como o Festival Mate com Angu de Cinema, é comum haver distribuição de pipoca. Na comemoração dos 20 anos do cineclube foram ofertadas porções de angu gratuitamente para todos os presentes. Em atividades cotidianas, são vendidos bolos e salgados a baixo preço, além da cerveja, uma constante. O ato de ofertar, comer, beber, assistir vídeos e dançar juntos é parte de uma ritualização que busca criar um ambiente propício para que “os deuses do cinema” possam baixar, como descrito por HB (2013, p. 225). “Filmes mágicos” e outras “atrações místicas” compõem uma “macumba metafísica”, como descrito no cartaz de divulgação da Sessão Pajé, que tem como subtítulo uma frase do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2007): “o chocalho do xamã é um acelerador de partículas” (ver figura 4).

Figura 4 – Cartaz de divulgação de sessão do Mate com Angu



Fonte: Mate com Angu, 2013.

Foi entrando em contato com eventos que escapam à comunicação verbal e intencional, ao estudar feitiçaria no Bocage francês, que a antropóloga Jeanne Favret

Saada (2005) concluiu que há situações de pesquisa que precisam ser experimentadas em sua intensidade afetiva e não somente observadas:

Quando se está em um tal lugar, é-se bombardeado por intensidades específicas (chamemo-las de afetos), que geralmente não são significáveis. Esse lugar e as intensidades que lhe são ligadas têm então que ser experimentados: é a única maneira de aproximá-los (Favret-Saada, 2005, p. 159).

A postura defendida pela autora privilegia situações involuntárias e discursos espontâneos, expandindo as possibilidades de interação e descrição a partir da pesquisa etnográfica. “É urgente reabilitar a velha sensibilidade” (Favret-Saada, 2005, p. 155), diz ela. Não se trata de ter a pretensão de alcançar os afetos do outro, como se fosse possível colocar-se em “seu lugar”, mas de mobilizar nosso “próprio estoque de imagens” (Favret-Saada, 2005, p. 159).

Os cineclubes são espaços onde esse tipo de expressão da ordem do incontrolável se manifesta, fazendo com que as sessões sejam descritas como mágicas. Por isso, analisá-las exige atenção e uma relação com o tempo diferente daquela demandada por um filme apenas. Um vídeo pode ser revisto, pausado, assistido em diferentes ambientes e dispositivos. Trata-se de um produto editado, acabado. Uma sessão, não.

Parte do meu trabalho de campo incluiu rever filmes em diferentes sessões. Houve um curta, por exemplo, o “Joãosinho da Goméia: o rei do candomblé”, que assisti três vezes: a primeira em um evento no Instituto Moreira Salles, a segunda em um lançamento no Centro Afro Carioca de Cinema e a terceira na quadra da Grande Rio em Caxias, antes do ensaio da escola de samba que naquele ano, em 2020, homenageava o personagem retratado no filme.

Cada evento teve suas especificidades, afetadas pelas localidades de cada exibição. O primeiro foi na zona Sul, o segundo no centro do Rio de Janeiro e o último na Baixada. Esse recorrido deixou claro pra mim que uma sessão é, em si, um evento único, irreproduzível, mesmo quando o filme exibido já foi visto. O mesmo vale para um festival ou mostra de filmes.

Atenta a isso e sabendo que não seria possível trazer os detalhes de todas as sessões que acompanhei, escolhi descrever a noite de exibição de *NuFlow* por entender que ela condensa uma série de questões relevantes para compreensão do movimento cineclubista. Nela, estão presentes aspectos com os quais me deparei também em outras

ARTIGO | Mais do Que Botar um Filme pra Rodar: Um Olhar Etnográfico Sobre uma Noite de Cineclube em Caxias

sessões, em trabalho de campo realizado entre 2018 e 2024. Foi possível visualizar num único evento três frentes fundamentais da cena audiovisual da Baixada: produção, formação e exibição. Trata-se, afinal, da estreia de um filme produzido por moradores da Baixada que já foram alunos do Mate com Angu, evidenciando como esses três eixos não existem de modo isolado, mas de forma interdependente.

Fica evidente também a importância dos encontros, da partilha de emoções com amigos e familiares e das interseções com outras cenas culturais, como as da música e da poesia. Vale chamar a atenção para o clima festivo das sessões, que como sintetizou Adriana Facina (2014, p. 200), em análise sobre o Mate com Angu, retira do horizonte do cineclubismo “qualquer vestígio de pedantismo intelectual e frieza de modos que por vezes assolam os circuitos culturais alternativos.” Trata-se de algo “dionisíaco”, nos termos de HB:

A gente até cunhou uma expressão, a gente usou várias vezes, que é: cineclubismo dionisíaco. Porque tinha uma coisa mesmo de catarse total. A galera vinha sabendo que ali era um local que a gente vai extravasar mesmo. E é curioso que na tradição cineclubista o papel do debate pós sessão é um lugar muito especial. A gente fez muita sessão com debate mais caretão, mas a gente julgava que o nosso tipo de debate era um pouco diferente. A gente trazia os realizadores, sempre fizemos questão de trazer a galera, e os caras mergulhavam junto com a sessão, com a festa pós filme, e aí o público interagia com o diretor, com o fotógrafo na hora ali, com os atores. Então o filme ficava vivo durante o que rolava depois, as festas, as exposições. Então pra muita gente que fazia um filme e só exibia no circuito de cinema, no circuito classe média, vinha pra cá e pô: eu gosto de passar o filme no Mate porque quando acaba a gente tá com a galera, vaia no meio do filme, aplaude, abraça, discute mesmo o filme com a pessoa ali no quente, né? (entrevista concedida a Carvalho, 2022, p. 91).

Segundo Carvalho (2022), esse caráter celebratório de experimentação de linguagens e práticas “[...] representa impacto e força contundentes no sentido de desestabilizar as formas de fazer e assistir cinema estabelecidas, abrindo possibilidades de renovação” (Carvalho, 2022, p. 14). Estar com a galera, vaia no meio do filme, aplaudir, abraçar, discutir “no quente” seriam formas de “trazer o cinema pro corpo”, na visão de Igor:

ARTIGO | Mais do Que Botar um Filme pra Rodar: Um Olhar Etnográfico Sobre uma Noite de Cineclube em Caxias

Tem uma conjunção de fatores que permitiram ele (o Mate com Angu) ser tão agregador né? Das pessoas verem no Mate esse lugar de liberdade. Acho que era um lugar de... O HB tem falado essa palavra, mas é isso, se pegar o dionisíaco, o que ele significa, o que ele simboliza. Que linguagem é a linguagem dionisíaca, né? É trazer o cinema, que é uma coisa tão intelectual pro corpo. Que é ver o filme, o cara tá aqui em silêncio, tenso. Aí de repente vem um outro filme que enche o cara de esperança. Aí de repente acende as luzes, começa uma música foda. Aí vem uma cerveja gelada. Esse ambiente que tem a ver com esse território aqui, que é a coisa do terreiro da Lira de Ouro também, criava um ambiente, uma atmosfera. Que o brasileiro sabe fazer, e o Rio de Janeiro sabe fazer muito bem. Essa atmosfera de alta qualidade de relações humanas se apresentava aqui. Então as pessoas vinham porque era uma delícia vir pra cá e ficar aqui (entrevista concedida a Carvalho, 2022, p. 92).

É interessante notar que ao mesmo tempo que há uma demarcação do “território aqui”, a Baixada, há também uma sinalização desse lugar como parte de algo maior: o Brasil, o Rio de Janeiro, que sabem criar uma “atmosfera de alta qualidade de relações humanas”, na visão de Igor. A conversão do cinema de coisa intelectual para uma dimensão corporal é marcada por um conjunto de sensações descritas sinesteticamente em escalada: o cara em silêncio, tenso, um filme que traz esperança, de repente as luzes, agora acessas, começa uma música foda, a cerveja gelada chega culminante, pronto: está feito o ambiente, dionisíaco, terreiro. “Vir pra cá e ficar aqui” têm gosto e sabor: uma “delícia”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempos de tanta facilidade de acesso às mais diversas produções audiovisuais por meios digitais e plataformas de streaming, o que leva alguém a sair de casa para ver um filme hoje em dia? Ainda faria sentido investir em espaços de exibição cinematográfica? Quando olhamos para a cena audiovisual da Baixada, fica evidente que sim. O que está em jogo, afinal, são os vínculos que o audiovisual pode promover, convidando o público a elaborações coletivas que se manifestam em formas celebratórias de fazer e assistir conteúdos audiovisuais, trazendo o cinema, “que é uma coisa tão intelectual”, pro corpo, como propõe Igor Barradas.

Os cineclubes são ambientes inclusivos não só para exibição de filmes autorais, mas para vários tipos de manifestação ecoados a partir de uma dinâmica de microfone e palco abertos. Essas expressões extrapolam a linguagem audiovisual e articulam diversas

cenas artísticas (musicais, teatrais, literárias).

A sessão apresentada no relato etnográfico é representativa da importância das redes e dos circuitos nos quais estão entrelaçados os cineclubes e de como a territorialidade costura essas relações. A pré-estreia de *NuFlow* permite pensar a Baixada como lugar de onde a diretora do longa é “cria”, local cantado nas trilhas sonoras do filme (como no funk Baixada cruel) e incorporado ao nome de artistas (do MC Baixada, por exemplo) listados nos créditos e agradecimentos. Ser da periferia nesse contexto é algo que provoca imenso orgulho.

Para apresentar o circuito de rap e poesia na sessão daquela noite foi preciso ligar pontos entre a favela, a Baixada, o subúrbio carioca e a Zona Sul, redesenhando simbolicamente o mapa da cidade, revelando vínculos onde muitas vezes só se enxerga caos e solidão. O relato etnográfico da sessão nos permite perceber essas conexões, revelando uma cidade mais complexa do que aquela representada por olhares “de longe e de fora”, como problematiza Magnani. A partir da etnografia, “em vez da anomia, isolamento ou fragmentação”, tão comuns em análises sobre a dinâmica urbana, “o que se vê são regularidades, arranjos coletivos, oportunidades e espaços de trocas e encontros” (Magnani, 2012, p. 251). Esse plano só se manifesta, contudo, a um olhar que se posiciona “de perto e de dentro”, como propõe o autor.

Como disse Livia De Tommasi (2013, p. 16), “no lugar de esperar que produtores culturais do ‘centro’ valorizassem e colocassem no mercado suas produções, os artistas periféricos viraram produtores de si mesmos”. Eles criam seus próprios espaços e critérios de exibição. Esse processo é indissociável de uma relativização da própria ideia de centro (Aderaldo, 2017), colocando em xeque a exclusividade das áreas centrais e da zona Sul do Rio de Janeiro como únicas detentoras de uma vida urbana pulsante e criativa. Outras centralidades são criadas e a partir delas questiona-se: quem está autorizado a definir qual arte é merecedora ou não de reconhecimento e por quê?

Vimos no relato etnográfico que os cineclubes são marcados pelo que é descrito por seus organizadores como “instante mágico”, um clímax, o ponto auge de uma sessão. Para alcançá-lo é preciso trabalho e entrega. Ao persegui-lo, desvenda-se toda uma trama que engendra os circuitos audiovisuais. Para me aproximar de alguma compreensão possível do que é descrito como a *magia* do cineclube, precisei me deixar afetar, a exemplo de Favret-Saada (2005). Do contrário, me passariam despercebidos o choro compartilhado, o olhar da mãe para filha cineasta, o comentário comovido de HB sobre a jovem que um dia foi sua aluna e tantas outras cenas que fazem de uma sessão

cineclubista um ambiente *mágico*. São sutilezas como essas que explicam a busca por uma experiência compartilhada do cinema.

REFERÊNCIAS

ADERALDO, Guilherme. **Reinventando a cidade**: uma etnografia das lutas simbólicas entre coletivos culturais vídeo-ativistas nas “periferias” de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2017.

ANCINE. **Anuário Estatístico do Audiovisual Brasileiro 2023**. Rio de Janeiro: Ancine, 2023.

BAIXADA FILMA. **Nós do Baixada Filma tivemos destaque no jornal Extra!** Baixada Fluminense, 16 jul. 2023. Instagram: baixadafilma. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CuxTOnUJW2_/?api=1&hl=zh-cn&img_index=1. Acesso em: 5 jul. 2024.

BRASIL PRÓXIMO. **Mapeamento dos grupos criativos da Baixada Fluminense**: relatório final. Rio de Janeiro: Brasil Próximo, 2015.

BUTRUCÉ, Débora. **Cineclubismo no Brasil: esboço de uma história**. Acervo, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 117-124, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/140/140>. Acesso em: 27 jul. 2024.

CANAL PLÁ. **O "Nuflow" já está no ar!!!** Nova Iguaçu, 20 dez. 2019.

CARVALHO, Thiago Nogueira. **Cinema é celebração**: a cena de exibição de cinema e audiovisual independentes do Rio de Janeiro na virada dos anos 2000. 2022. Dissertação (Mestrado em Mídias Criativas) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/30/teses/934924.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2024.

CASA FLUMINENSE. **Mapa da desigualdade**: região metropolitana do Rio de Janeiro: 2020. Rio de Janeiro: Casa Fluminense, 2020.

CASA FLUMINENSE. **Mapa da desigualdade**: região metropolitana do Rio de Janeiro: 2023. Rio de Janeiro: Casa Fluminense, 2023.

CINECLUBE MATE COM ANGU. **Sintam a energia do último Mate <3**. Duque de Caxias, 12 dez. 2019.

DANTAS, Laís. “Que seja natural pessoas como eu ganhando visibilidade”. [Entrevista cedida a] Fabio Leon. In: **Fórum Grita Baixada**. Nova Iguaçu, 1 ago. 2023. Disponível

em: <https://www.forumgritabaixada.org.br/entrevista-do-mes-lais-dantas>. Acesso em: 23 jul. 2024.

DE TOMMASI, Livia. **Culturas de periferia: entre o mercado, os dispositivos de gestão e o agir político**. Política & Sociedade, Florianópolis, v. 12, n. 23, p. 11-34, jan./abr. 2013.

FACINA, Adriana. Comida boa e farta. **Recôncavo: Revista de História da UNIABEU**, Belford Roxo, v. 4, n. 6, p. 197-200, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/reconcavo/issue/view/59>. Acesso em: 20 jul. 2025.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “**Ser afetado**”, de Jeanne Favret-Saada. Cadernos de Campo, São Paulo, n. 13, p. 155-161, 2005.

GUIMARÃES, Roberta Sampaio; DAVIES, Frank Andrew. **Alegorias e deslocamentos do "subúrbio carioca" nos estudos das ciências sociais (1970-2010)**. Sociologia & Antropologia, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 457-482, 2018.

HB, Heraldo. **O cerol fininho da Baixada**: histórias do cineclube Mate com Angu. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro**: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O Circuito: proposta de delimitação da categoria, **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 15, p. 1-13, 2014.

NUFLOW: **batalhas de rima e slams RJ**. Produção: José Alsanne. Direção de José Alsanne e Laís Dantas. Rio de Janeiro: Canal Plá, 2019. 1 vídeo (65 min 36 s). Publicado pelo Canal Plá. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M5vFJ6qossU&t=505s>. Acesso em: 11 jul. 2024.

O'DONNELL, Julia. **A invenção de Copacabana**: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940). Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito** (1903). Mana, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 577-591, 2005.

VELHO, Gilberto. **Trajetória individual e campo de possibilidades**. In: VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 31-48.

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores, bem como no que se refere ao uso de imagens.